

Entraves à vacinação de crianças



Ritmo lento Em 15 dias, Brasil teria capacidade para imunizar 75% do público-alvo, mas aplicou 1ª dose em apenas 10% do grupo

Aplicação de vacinas contra a covid-19 em crianças de cinco a 11 anos avançou em ritmo lento no Brasil. Desinformação, problemas de planejamento e escassez de imunizantes dificultam o avanço da campanha, iniciada há um mês depois da aprovação das autoridades sanitárias. Levantamento feito pelo Estado junto aos governos estaduais mostra que, até a última segunda-feira, cerca de 1,9 milhão de crianças tinham sido vacinadas no Brasil — o que equivale a 10% do público-alvo. O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, disse em maio de uma oportunidade que o Sistema Único de Saúde (SUS) tem capacidade para vacinar 2,4 milhões de pessoas por dia. Há salas e profissionais suficientes para isso e o número já foi batido diversas vezes durante a campanha de imunização contra a covid-19. Considerando que o Brasil vem aplicando metade disso, cerca de 1,2 milhão de doses por dia, há espaço para vacinar mais de um milhão de crianças diariamente. No entanto, a média das primeiras duas semanas de campanha é de 130 mil vacinas aplicadas por dia no público-alvo. Os números foram informados pelos Estados — pode haver defasagem por causa da demora entre a aplicação da vacina e o registro no sistema. A falta de vacinas é um dos principais motivos para a lentidão na campanha — até a última terça-feira, o governo federal tinha distribuído 8 milhões de doses para imunizar as 20 milhões de crianças brasileiras. Esse foi o fator que fez a campanha infantil começar atrasada no País nas primeiras doses só chegaram na maioria das cidades em 17 de janeiro, um mês após a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovar o uso da vacina pediátrica da Pfizer. O contrato do governo com a farmacêutica americana, assinado no fim de novembro, previa a entrega de 20 milhões de doses da vacina entre os meses de janeiro e março. Isso é suficiente para aplicar as duas doses em apenas metade do público-alvo. No cenário de falta de imunizantes, algumas cidades tiveram crianças mais velhas ou com comorbidades. Já a Coronavac, vacina contra a covid fabricada no Brasil pelo Instituto Butantan, foi aprovada pela Anvisa para uso em crianças de seis a 11 anos em 20 de janeiro. Isso não transformou o cenário nos Estados, já que a maioria tem baixo estoque do imunizante. As exceções são o Distrito Federal e São Paulo, locais onde há doses suficientes para vacinar todo o público-alvo, e que lideram o ranking. O Ministério da Saúde afirmou ter seis milhões de doses em estoque e estima haver mais três milhões com os Estados. Se as projeções estiverem corretas, o total é suficiente para imunizar cerca de 4,5 milhões de crianças. Outras 2,5 milhões ainda não têm vacina garantida. Nesta semana, o Ministério da Saúde afirmou que encaminhará mais dez milhões de doses da vacina. O Instituto Butantan disse que encaminhará mais dez milhões de doses em um prazo de até 25 dias após a assinatura do contrato. O último contrato entre as duas parcerias ocorreu em setembro e não foi renovado pela gestão Bolsonaro. A última grande remessa de Coronavac foi enviada aos Estados e ao Distrito Federal em 24 de setembro. Além da falta de doses, que já paralisou a vacinação em algumas cidades, o Rio de Janeiro, a desinformação trava a campanha de imunização infantil. A divulgadora científica Ana Amri, professora do Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirma que a desinformação trava a campanha de imunização infantil. A divulgadora científica Ana Amri, professora do Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirma que a desinformação trava a campanha de imunização infantil. A divulgadora científica Ana Amri, professora do Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirma que a desinformação trava a campanha de imunização infantil.



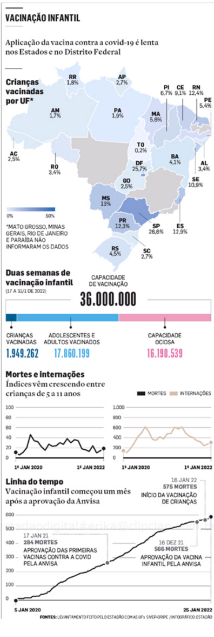
Numero e Classe perderam o filho Gael, vítima da covid

Desinformação e estoque baixo estão entre as principais dificuldades

Entraves à vacinação de crianças contra covid

Apesar de o público infantil ocupar um "ponto de interrogação" e "incentivar a hesitação vacinal", a publicação da pasta nas redes sociais diz que a vacinação de crianças "é uma escolha, dos pais e responsáveis", e precisa de autorização. O órgão não incentiva a vacinação das crianças de maneira direta em suas ações. "É o que a gente chama de incentivar a hesitação vacinal, o que é muito sério e indócil em nosso País", diz a professora. O médico Guilherme Wernick, doutor em Saúde Pública e Epidemiologia pela Universidade de Harvard (EUA), afirma que tanto a Coronavac quanto a Pfizer foram aplicadas em milhões de crianças de vários países e o efeito colateral não é alarmante. "O risco que a criança tem de desenvolver um problema pela vacinação é ínfimo em relação ao risco de ser hospitalizada de pós covid. O custo benefício é excelente. Não tem nenhum motivo para não vacinar as crianças", diz. Última a serem incluídas no plano de vacinação, as interações e mortes de crianças de cinco a 11 anos vêm crescendo no Brasil. Entre adolescentes e adultos, esses índices estão em queda. Desde o início da pandemia, mais de 11 mil crianças de cinco a 11 anos já foram internadas em razão de covid. O País é o sexto maior pelo

decepo nesta faixa etária. O índice de mortes por covid-19 entre crianças e bebês se comparado ao observado em adultos, mas Wernick ressalta que isso é esperado. "Hoje em dia sempre morrem crianças de que adultos. Crianças é para estar viva mesmo", pondera. O epidemiologista critica a desorganização do governo federal em relação à vacinação infantil e diz que estamos tendo problemas parecidos com aqueles enfrentados no início da campanha de imunização, em janeiro de 2021, como falta de preparo e até de vacinas. "Isso reflete o desmantelamento do Programa Nacional de Imunizações (PNI)", afirma. O PNI teve a nova coordenadora — Simone Carneiro — nomeada após seis meses com o cargo. Procedendo, o ministro não cometeu as críticas sobre a falta de incentivo ou a compra de imunizantes. PAISES VIZINHOS. Em comparação aos países vizinhos que aprovaram o uso de vacinas infantis, o Brasil está atrasado.



Queríamos ter tido a chance, dizem pais que perderam filho Desde que a campanha de imunização contra a covid começou no Brasil, Humberto e Cleia foram para que chegasse logo a vez de Gael, o filho de 7 anos. Gabriela, a mãe de 35 anos, começou a aplicar doses desta vacina em 17 de janeiro. Mas foi tarde demais: a criança estava na UTI infectada por covid. Dois dias depois, o garoto morreu. "Queríamos ter tido essa oportunidade, ainda que não tivesse garantida de que Gael não ficaria doente", lamenta o pai. O menino tinha paralisado cerebral, não falava nem andava — e fazia parte do grupo de maior risco para a doença. "Tuvemos e esperamos muito pela vacina, confiamos de que ela poderia, sim, proteger os nossos filhos e todas as crianças que fossem vacinadas. Mesmo com o quadro do Gael, que tinha uma predisposição para problemas respiratórios. Em Goiás, Gael, de 7 anos, morreu de covid sem conseguir se vacinar, mesmo fazendo parte do grupo prioritário em nenhum momento pensamos em não vacinar", declara o professor universitário Humberto Gimeno, a professora de ensino básico Cleia Leandra. A resposta da família é de que Gael e pai (o primeiro a perceber os sinais da doença) também se infectou na primeira semana de janeiro. Após o agoroso falecimento de seu filho, o primeiro internado no dia 17, não há a criança na UTI. No começo, nem mesmo os médicos suspeitavam que poderia ser uma infecção pela covid-19, uma vez que não são sintomas que se fazem presentes no momento em que o momento eram constantemente apresentados, por causa da sua condição de saúde. "Foi uma criança muito amada e cuidada, não esperávamos em oferecer a ele, uma vida comum e de qual quer criança", afirma Cleia, de 35 anos. O casal mora em uma casa com uma filha, Carolina, de 10 anos. Ainda não existe imunizante contra a covid aprovado para esta faixa etária.

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo
Seção: A fundo Caderno: A Pagina: 22 e 23